

## Cefaleias, Médicos e Mídias

### *Migraines, Doctors and Media*

Todos os que nasceram antes da década de 1980 certamente mantêm vivos na memória muitos fatos pitorescos que, quando contados atualmente, remontam uma mistura de saudosismo e humor. Trazendo o assunto para a esfera profissional, lembro de uma situação na qual perdi a orientação de um professor na época por me achar lento demais em conseguir fazer um levantamento bibliográfico para um determinado tema. Procurar artigos, solicitar (e muitas vezes pagar por eles) na biblioteca central da universidade, recebê-los e digeri-los na íntegra não era tarefa das mais simples, e muito menos das mais rápidas.

Hoje não. A situação mudou muito. Algumas horas bastam para acessarmos qualquer banco de dados de revistas renomadas em todo o mundo e nos deleitarmos com temas diversos sobre quase tudo do conhecimento médico atual.

Entretanto, o acesso à informação não se resume apenas à pesquisa científica e ao meio médico. Com o advento da internet e principalmente com a explosão da comunicação entre as pessoas através das mídias sociais, somos bombardeados diariamente com dezenas de informações sobre política, futebol, religião, humor e, é claro, sobre a medicina em geral, tratamentos e médicos. Obviamente nossa profissão também estará exposta ao que se convencionou chamar de "fake news", ou seja, notícias falsas, publicadas com a intenção de enganar e muitas vezes com objetivo indireto de ganhos políticos ou financeiros.

O conceito de "fake news", apesar de amplo, não pode, ao nosso olhar, ser absolutamente extrapolado para a prática médica. A verdade científica é mutável, e em medicina, todo o contexto envolvido desde o diagnóstico ao tratamento, também. Novas teorias e propostas sobre como podemos entender e combater esta ou aquela doença surgem diariamente. E que bom que surgem, visto que é a partir destas divagações que florescem e comprovam-se as boas ideias; entretanto, um dos problemas é que muitos destes conceitos têm chegado à população geral precocemente, antes que se

jam obedecidos todos os critérios e etapas do método científico.

Como Neurologistas que somos e como profissionais que se dedicam aos pacientes que sofrem de dores de cabeça, nos deparamos com condutas que nem sempre concordamos, mas certamente nos assustamos com o que foge muito do que não está respaldado pela literatura médica científica, particularmente com procedimentos invasivos. Afinal, faz parte da concepção do nosso DNA médico o juízo do *primum non nocere*.

Não estaríamos apenas sendo impactados por algo agressivo ao nosso próprio *Zeitgeist*?

Como sempre repetimos, ao ponto de tornar-se um jargão, "cada caso é um caso", e é claro que existem os extremos, que não entenderemos nesta e talvez menos ainda em eras subsequentes, mas tenho um pensamento romântico em acreditar que pode haver pureza e vontade genuína em ajudar o próximo mesmo em condutas mais díspares que a nossa e talvez o que simplesmente falte a elas seja um norte.

Nesta última afirmação é que a Sociedade Brasileira de Cefaleia pode funcionar como balizador, agindo como esteio na mediação e mesmo na provocação de discussão destes temas duvidosos junto à sociedade, além de orientar seus associados a como se portarem frente às inovações científicas e tecnológicas. Apesar de o Conselho Federal de Medicina (CFM) já ter brilhantemente regulamentado as normas da publicidade médica, há particularidades da nossa prática, em especial ao atendimento em cefaleias, que merecem atenção e detalhamento.

Por fim, há de se entender, entretanto, que por mais que a Sociedade Brasileira de Cefaleia (SBCe), a Associação Brasileira de Neurologia (ABN) ou o CFM estabeleçam normatizações para que procedimentos potencialmente danosos ou ineficazes sejam oferecidos aos pacientes e que médicos se portem de forma pro-ba, individual e coletivamente, a via alternativa da informação se multiplicará cada vez mais. É função dos órgãos detentores do conhecimento vigente se

posicionar, mas o indivíduo que faz suas escolhas deve estar atento para suas consequências.

Nos EUA, por exemplo, o uso de capacete por motociclistas não é obrigatório em praticamente metade dos estados, porém, caso este indivíduo sofra um acidente, os custos serão cobertos por ele próprio.

Certamente e apesar de importante ser mencionado, os custos, por maiores que sejam, não são mais importantes que a vida e é neste aspecto que ressaltamos a importância da boa informação. Voltamos então a um questionamento: o que é boa informação?

Difícil responder? Talvez. Façamos então a nossa parte.

---

*Alan Chester Feitosa de Jesus*

*Neurologista, Membro Titular da Academia Brasileira de Neurologia e da Sociedade Brasileira de Cefaleia*

*Recebido: 22 de junho de 2018*

*Aceito: 23 de junho de 2018*